

# A Entrevista

Sem santo nem senha

POR JOAQUIM LEITÃO



**PADRE AMADEU DE VASCONCELLOS (Mariotte)**

Desenho do escultor portuguez José Ferreira

**N.º 10 — Numero avulso 60 reis — 16 - I - 1914**

NÃO SE RECCITAM ASSIGNATURAS

**Editor e proprietario: MARIO ANTUNES LEITÃO**

Composto e impresso na Typographia de A. J. da Silva Teixeira, Successor — Rua da Cancellia Velha, 70 — PORTO.

Todos os direitos de reprodução reservados

# A ENTREVISTA

## *Numeros publicados:*

- Numero 1.** — Entrevista com JOÃO D'AZEVEDO COUTINHO, em que o antigo ministro e heroe d'Africa conta a sua temeraria entrada em Portugal nas vespersas dos acontecimentos de outubro ultimo e como conseguiu sahir de Lisboa, escapando ás auctoridades conhecedoras da sua estada na capital.
- Numero 2.** — Entrevista com o notabilissimo estadista hespanhol D. EUGENIO MONTERO RIOS.
- Numero 3.** — Entrevista com o Sr. CONDE DE MANGUALDE — O Conde de Mangualde no combate de Chaves — Um bravo — Morrendo todos os artilheiros, o Conde de Mangualde vae debaixo de fogo para uma peça — Imprevisto lance — Os seus presentimentos, etc., etc.
- Numero 4.** — Entrevista com o antigo Ministro do Mexico em Paris, D. MIGUEL DIAZ LOMBARDO.
- Numero 5.** — Entrevista com o DR. CUNHA E COSTA — Collaboração de Cunha e Costa na legislação republicana do Governo Provisorio — O antigo propagandista republicano desenganado da viabilidade da republica portugueza — A restauração da monarchia é inevitavel como dos males o menor, affirma-o o antigo e historico republicano sr. dr. Cunha e Costa.
- Numero 6.** — Entrevista com FERREIRA DE MESQUITA, ajudante do Sr. Conde de Mangualde — Ferreira de Mesquita na Galliza e no Exilio — Um cadête com batalhas na sua folha de serviços — Como foram presos o Conde de Mangualde e o seu ajudante Ferreira de Mesquita — Uma carta comoventissima de Paiva Couceiro.
- Numero 7.** — Entrevista com o PADRE DOMINGOS — O levantamento de Cabeceiras de Bastos em Julho de 1912 — A guerrilha do Padre Domingos — O aviso de Couceiro para o levantamento — A morte do administrador de Cabeceiras — A casa do guerrilheiro destruida a fogo — Encontro do Padre Domingos com Paiva Couceiro.
- Numero 8.** — Entrevista com a Senhora Marqueza de Rio-Maior sobre a SENHORA D. JULIA DE BRITO E CUNHA — Uma pagina immortal de Balsac, que a Republica Portugueza accrescentou — A organização d'um serviço de saude — As Senhoras D. Julia de Brito e Cunha e D. Constança Telles da Gama em ferros da Republica — O Natal dos Vencidos.
- Numero 9.** — Entrevista com o Sr. Conselheiro JOSÉ D'AZEVEDO CASTELLO BRANCO — S. Ex.<sup>a</sup> diz porque não adheriu nem adherirá — Como julga os que adhesivaram — As duas prisões do conselheiro José d'Azevedo — O conselheiro José d'Azevedo prisioneiro a bordo dos navios de guerra — No exilio — Angola e a Industria Portugueza — A Allemanha e a politica ingleza esburgando Portugal — E' mais facil restaurar a Monarchia que aperfeioar a Republica — O exercito — Os messias e os heroes — Para onde vamos ou para onde poderiamos ir.



Retrato do Padre Mariotte, desenho do escultor português José Ferreira, um dos auctores do Monumento á Guerra Peninsular

*Amadeo de Souza*

# A ENTREVISTA

Sem Santo nem Senha

POR

JOAQUIM LEITÃO

N.º 10

16-1-1914

## CARTA ABERTA

AOS

### Monarchicos Portuguezes

O que é o monarchismo dos portuguezes — O que será a restauração da Monarchia — A futura Monarchia e o Exercito — O Messianismo nacional — O que foi a morte de Mousinho d'Albuquerque — Paiva Couceiro — João d'Azevedo Coutinho — A historia da fusão dos partidos evolucionista e unionista — Corretagem politica — A "chantage" da amnistia — O que penso e farei da amnistia — Perguntas que me fazem de Portugal e do estrangeiro.

Nem que quizesse escrever-lhes em carta fechada, lacrada e registada, não me seria possivel dirigir a todos os monarchicos portuguezes um por um: nem sei quem são, nem quantos são, nem onde residem, salvo aquelles que teem morada certa no soffrimento, aquelles que habitam as casas-matas da republica ou os a quem a tyrannia despojou da patria. Dizem-me que ha muitos monarchicos em Portugal, que todos os dias

ha mais, que dos proprios republicanos ha-os que teem distingido para a monarchia como aquelles mastros com que o Governo Provisorio engalanou a Avenida na festa da bandeira, e que pintados, á pressa, de verde e encarnado — como o sr. Julio Dantas ou o sr. Abel Botelho —, distinguiram para o azul e branco primitivos, aos primeiros pingos de chuva.

Acredito que haja hoje mais homens que se julguem monarchicos do

que havia tres annos atraz, venham elles do descontentamento republicano ou venham da recobrada esperança n'uma restauração.

Mas isso não basta.

Estou pelo que diz Mariotte no n.º 5 da honrada série de *Os meus cadernos: A Monarchia não está reabilitada. E' a Republica que está des-creditada.*

Os senhores que hoje desejam e talvez se tenham sacrificado, ou venham a sacrificar pela restauração monarchica, na maioria não são monarchicos.

Os senhores são homens que experimentaram os prejuizos ou a tyrannia da republica; e não me refiro aqui a prejuizos mesquinhamente individuaes, mas aos prejuizos collectivos, aos riscos nacionaes, crente de que todos os senhores se comprehendem e se solidarisam com a angustia nacional perante a crise cardiaca da Patria. Se os senhores fossem conscientemente monarchicos, a Monarchia não poderia ter sido entregue, em 5 de outubro, pela traição, feita de cobardia, do presidente do conselho. O Carmo podia ter posto ao léo todos os seus lençoes, o Rocio podia ter disparado para o ar, á laia de canas de foguetes, as suas espingardas, que o que não seria possível era concluir-se a revolução pelo telegrapho. O exercito podia estar comprado ou acobardado — e não o estaria se uma doutrina monarchica fôsse conhecida do Povo Portuguez —, que não faria a revolução, desde que o paiz soubesse discernir o que queria e porque o queria.

Os senhores não eram nem são monarchicos.

Os senhores são os vagos amigos da ordem, que enfermam da candura de a crêr indifferentemente possível n'uma democracia como n'uma aristocracia.

Convenho que os senhores se supponham e sejam sinceramente, honesta, probamente monarchicos.

Isso não me tranquillisa sobre o futuro, mesmo que o futuro traga a restauração da Monarchia.

Só charlatães da feira politica affirmarão que uma restauração monarchica dará, fulminantemente immediata, a felicidade a Portugal, enchendo de oiro os cofres publicos e de sabedoria o cerebro dos governantes e dos governados.

O simples facto de tirar de lá o sr. Manuel d'Arriaga, e repôr o Senhor Dom Manuel II, não dá magicamente, a modos de mutação de scena de theatro, a felicidade publica ao nosso paiz, como não se verificou ser verdadeiro o verbo de promissão republicana que affirmava reduzir-se, a trocar uma corôa por um chapêu de côco e um sceptro por um guarda-chuva, todo o segredo das mil venturas para o povo portuguez.

A Monarchia nem sequer lhes pôde, n'uma boa duzia d'annos, repôr o paiz no estado em que a republica o encontrou.

O Senhor Dom Manuel II não descobriu nenhuma mina d'oiro para nos pagar as nossas letras ou para nos comprar uma marinha de guerra que metta n'um chinello a esquadra ingleza.

A vida da Monarchia terá de ser uma vida de honrados e conscientes sacrificios de cada um á felicidade collectiva.

Beyle ensinou que *não ha felicidade sem sacrificio bem entendido.*

Os Portuguezes teem de fazer esse sacrificio se querem, e sabem querer, a felicidade dos seus netos, porque a dos nossos filhos só pôde já agora reduzir-se a herdarem esse legado de sacrificios, com a alegre consciencia de que herdaram uma missão.

Ser-se feliz, tranquillamente feliz, em Portugal, já não é para os nossos dias.

Nós estamos a pagar e hemos de acabar de pagar a criminosa indifferença e o tragico alheamento da Causa Publica em que os nossos avós se deixaram viver.

A Monarchia o unico bem immediato que pôde trazer é a liberdade aos presos politicos que estão a endoidecer ou a cegar nas Penitenciarías, e o restabelecimento da ordem. Isso, sim: restabelecerá a ordem impondo-a a republicanos e a monarchicos, porque a Monarchia não pôde consentir que os senhores passem do angustioso e degradante estado de escravos da minoria republicana triumphante, ao grau de negreiros dos republicanos: a Restauração não pôde ser, e não será, a repetição dos odios, das vinganças contra o exercito ou contra o funcionalismo, nem a reedição das mesquinhas perseguições e dos elasticos abusos que a Republica desencadeou. Se alguem anda por ahi a espalhar semelhante ameaça, não pôde deixar de ser pescador d'aguas turvas, pois ninguem de juizo e que tenha uma minima cathegoria politica, desde El-Rei D. Manuel ao mais obscuro dos seus subditos, pensou jámais em transformar o regimen monarchico n'uma associação de carbonarios. A Restauração da Monarchia abrirá conta nova a todos os Portuguezes, levando os actos passados a ganhos e perdas. Ninguem pensa em perseguir o exercito nem em pedir-lhe contas do 5 de Outubro, ninguem premedita um açougue ou um deserto para o funcionalismo, nem uma Siberia ou a reapplicação da força para os homens publicos que não se teem esfaliado a demonstrar a sua lealdade.

A Monarchia restabelecerá, pois, a ordem, interromperá, pela sua simples

chegada a imposição numerica, re-dará as liberdades, mas não poderá do dia para a noite presentear-nos com a prosperidade e o esplendor de que a Patria se gosou no seculo xvi.

Ora eu receio muito que os senhores (que antes e no dia 5. de Outubro, exclamavam perante a crise monarchica: *Tudo menos isto! porque venha o que vier, peor não pôde ser!* e que hoje reconhecem que o que veio depois foi milhões de vezes peor), não sejam afinal simples espiritos de contradicção, d'uma geração desgraçada de descontentes que, habituando-se á idéa de que a Monarchia é uma beberagem, um filtro que lhes deitará a felicidade pela bocca abaixo, subitamente, como uma droga muda a côr dos cabellos; eu receio muito que — quando se defrontarem com a pesada somma de sacrificios que a cada cidadão portuguez a restauração da Monarchia tem de exigir — os senhores vendo demorar a prosperidade publica e a felicidade pessoal, se não impacientem, e, já esquecidos do que hoje lhes arranca queixumes e maldições, não passem tres annos depois da restauração a confessar-se mais uma vez enganados e a declarar-se *definitiva e irrevogavelmente* republicanos.

Este meu receio não provem de eu duvidar de que lhes assista sinceridade, civismo ou patriotismo.

Não duvido de coisa nenhuma.

Tenho a certeza de que lhes falta uma doutrina.

Os senhores dizem-se catholicos e são incapazes de obedecer ao Santo Padre, quanto mais ao seu parochio; os senhores dizem-se monarchicos, e são incapazes de acatar a resolução suprêma do Rei, fecho da abobada da ordem social; os senhores dizem-se portuguezes, e buscam tudo quanto possa destruir-lhes as virtudes tradicionalistas.

A crise não é de character.

Ahi estão as cadeias, as penitencia-rias, os cemiterios, e o exilio a attes-  
tar que a crise não é de character.

A raça está intacta, apenas intoxi-  
cada de malsãs doutrinas e por uma  
sarnal de sentimentalismo que re-  
duz a um equilibrio instavel toda a  
massa de governantes em que qual-  
quer regimen tem de apoiar-se.

A crise não é de character — mas  
de intelligencia.

E não é falta de intelligencia, é  
falta de sã e boa cultura para essa  
intelligencia.

Temos vivido envenenados.

Um homem que ingeriu tuma poção  
toxica, não pode ser accusado de falta  
de estomago, mas simplesmente de  
ter o estomago sujo.

Nós temos a intelligencia suja: es-  
tamos a pedir sonda e agua.

Popularisaram-nos o que era nefas-  
to, deram-nos a lér tudo quanto era  
êrro.

Perdeu-se o fio da tradição, esque-  
ceu-se o fio da fonte hellenica, e de-  
pois de voltarmos as costas ao clacis-  
simo grêco-latino, vão ensinando aos  
nossos letrados o estudo das duas  
linguas-mães, acabámos por desa-  
prender a lingua filha, e por ignorar  
toda a ordem mental, moral e social.

Essa anarchia, que anda pelas ruas  
de Lisboa e pelas viellas do Porto,  
existe, porque existe ainda nos cé-  
rebros dos proprios monarchicos.

A restauração restaurará a ordem,  
mas á custa da Guarda Municipal, e  
não á custa d'uma noção de discipli-  
na e de ordem que cada homem ra-  
soavelmente culto tem de ter dentro  
do seu cerebro.

Fazer uma restauração sobre os  
mesmos desordenados materiaes em  
que resvalou a Monarchia de 1910, é  
mais do que um perigo — é um êrro.

Não lucrámos nada em restaurar.

Tive um amigo, medico, que ha-

vendo começado muito bem a sua vi-  
da, acabou por cahir n'uma dissipação  
que lhe preparou a morte desgraça-  
da; esse homem, minado de dividas,  
de letras e de penhoras, chegou-se  
um dia ao pé d'um amigo poderoso,  
seu cliente e protector, e declarou-  
lhe:

— « Vou mudar de terra ! »

O amigo sorriu, e retorquiu :

— « E vaes disposto a mudar de ca-  
beça? Se vaes disposto a mudar de  
cabeça, lucrarás em mudar de terra;  
agora se mudas de terra e não mu-  
das de cabeça, então não ganhas na-  
da com isso ».

Os monarchicos portuguezes dese-  
jam mudar de regimen.

— « Se estão dispostos a mudar de  
cabeça, muito lucrarão com a mu-  
dança de regimen, porque a fórma de  
governo não é tal indifferente á felici-  
dade dos povos, e, independente da  
honradez e intelligencia dos governan-  
tes republicanos, a republica nunca  
poderá dar a felicidade a Portugal.  
Senão estão dispostos a mudar de ca-  
beça, é inutil mudarem de regi-  
men ».

Os senhores estão ainda agarrados  
a sympathias e anthypathias de che-  
fes politicos, a cathogorias que não  
sabem se representam a competen-  
cia, os senhores estão anciosos pela  
restauração como uma menina ancia  
pelo casamento — sem saber o que  
vae fazer.

Não se trata de medidas a tomar  
dentro do regimen monarchico, e por-  
tanto não me satisfaz nem me tran-  
quillisa um programma partidario.

Trata-se de uma doutrina, trata-se  
de reformar a mentalidade portugue-  
za e de lhe dar uma consciencia mon-  
archica aos que hoje são monarchi-  
cos por sentimento ou por protesto.

Ha uma doutrina monarchica.

Salvo uma ou duas dezenas, nem  
tanto, de gente nova, que começa-

ram já a estudal-a, os senhores ignoram de todo essa doutrina.

Os senhores são monarchicos por sentimento uns, outros pelo mal-estar geral.

Isso não presta.

E querem ver porque não presta? Ora fazem favor de dizer: não acceitaram os senhores a Republica? De braços abertos! Porque? porque os senhores partiam do erro de supponer que a questão dos regimens é indifferente, que uma republica boa é melhor do que uma monarchica má, e que republica ou monarchia é a mesma coisa contanto que os republicanos ou monarchicos governem com acerto.

Não os satisfez afinal a Republica.

Eil-os desavindos com a Republica.

Por terem verificado e se haverem convencido que a Republica Portugueza, além dos inferiores governos que tem tido, é sobretudo inviavel por ser uma republica? Não. Os senhores ainda estão na sua: republica ou monarchia tanto faz!

Não ha muitos dias que eu ouvi um monarchico da mais alta graduação deitar essa tolice pela bocca fóra.

Se os senhores estivessem integradados n'uma doutrina monarchica, se a sua posição de militantes politicos viesse de estudo e de idéas, os senhores quando lhes perguntassem porque é que são monarchicos, não se veriam forçados a deitar a mão a esse profundissimo erro, não encolheriam os hombros quando lhe dessem a escolher a morte ou a vida.

Dizer que republica ou monarchia são boas ou más conforme os republicanos ou os monarchicos que as servem, é o mesmo que afirmar: uma injeção de morphina ou uma injeção de sóro physiologico, é a mesma coisa, o que se quer é que o pharmaceutico as saiba preparar.

— «Mas a morphina, mesmo em

dóses que só dê o momentaneo somno, não acaba por matar?» perguntará o paciente.

— «Ora essa! tudo isso é questão de quem lhe preparar o soluto. Se fôr bem preparado, tanto faz injectar um toxico como um tonico».

E eis porque os senhores continuam a jurar que tanto faz injectar republica ou monarchia no pobre organismo portuguez.

Falta de uma consciencia monarchica que só podem adquirir mercê d'uma doutrina monarchica.

E' a razão d'esta entrevista que hoje publicamos.

Mariotte era republicano: accusado de ser um desorientado em politica, foi estudar, e encontrou-se com uma doutrina monarchica, que, ao seu espirito habituado ao rigor scientifico, e a só marchar pelas laudas da razão, o satisfez e converteu.

Os senhores já estão convertidos.

Nem por isso estão menos desorientados que Mariotte quando republicano.

Devem inteirar-se d'essa doutrina monarchica.

Depois d'isso, de posse de uma doutrina monarchica, os monarchicos saberão se são monarchicos e porque são monarchicos.

Depois d'isso, de posse de uma doutrina monarchica, os monarchicos portuguezes caminharão conscientemente na vida, deixarão de ter vergonha de dizer que são monarchicos e estarão habilitados a discutir e a vencer nas suas discussões os pobres republicanos.

Até lá, não.

E sem isso, toda a Restauração é uma aspiração á mercê da primeira irritação de um partido, de um chefe politico cahido no desagrado real, ou de um necessitado que não encontre franqueada a porta da repartição publica.

Sem isso, sem uma doutrina monarchica, os senhores nem sequer podem ter a certeza de que conservarão a sua fé na Restauração da Monarchia. Sem isso, os senhores nem sequer podem fazer um censo monarchico definitivo. Porque homens ha que hontem se sacrificaram, se revoltaram contra o regimen republicano, palmilharam serras, vieram ter a Hespanha, vestidos e calçados de sinceridade e de sacrificios, e que depois se filiaram no partido do senhor Affonso Costa, voltaram para as suas terras, e lá estão nas suas casas, esquecidos já dos outros com quem se photographaram em grupo e que continuam a ermar a dureza do exilio.

Isto é um facto.

E o que significa este facto? falta de character? Sem duvida. Mas deem a esses homens uma doutrina, admitam-os e só lhes chamem monarchicos quando elles estiverem integrados n'uma doutrina monarchica, e a esses homens será cellularmente impossivel offerecer os seus votos e os seus pulsos ao escravocrata Affonso Costa.

Sem essa doutrina, os senhores não terão pernas para andar; andarão de joelhos a impetrar os favores dos deuzes para que lhes deem o aneado Messias.

Os senhores, apetrechados de uma doutrina, estarão e encontrarão todos disciplinados, orientados, engrenados na harmonia social, sinceramente, lealmente ao lado uns dos outros. E póde cair um, dez, mil, um milhão de combatentes que os outros seguirão a jornada, porque cada um d'elles, conhecedor do caminho, póde ser um guia e ninguem ficará para traz nem ninguem correrá a distanciar-se, porque nenhum recuará como nenhum terá a toleima de querer passar a barra adeante dos mais.

Sem essa doutrina os senhores

teem de continuar a rezar ao patrono para que dê uma horinha feliz a todos os ventres occupados, e a rogar ás madrinhas poderosas que lhes marquem com a estrella d'oiro a testa do seu Messias.

Sem essa doutrina os senhores não serão homens: serão escravos, porque não terão vontade, discernimento, orientação, coragem, decisão, e seguirão qual rebanho a capa do pastor. Sem essa doutrina, qualquer que ella seja, os senhores precisarão do capataz, do cabo de guerra, do Messias.

E, depois, o que succede?

Succede que depois de orarem ao Messias, os senhores revendo-se n'elle, começam a imaginar as delicias que se gozará esse Messias privando com os deuzes. Vae, então, os senhores que tanto pediram aos deuzes o Messias, os senhores devoraram-o, apeiam-o, matam-o.

O que fizeram os senhores de Mouzinho d'Albuquerque?

Mataram-o!

O suicidio de Mouzinho d'Albuquerque não é mais do que a incompatibilidade de um homem d'aquella tempera com uma época como esta que se vive em Portugal.

Morto Mouzinho d'Albuquerque, os senhores voltaram a ajoelhar como tribu tresmalhada no deserto, a clamar pelo oasis e pelo redemptor!

Nasceu Paiva Couceiro.

O que fizeram os senhores de Paiva Couceiro?

Trahiram-o desde pela manhã até á noite, desde o primeiro dia até ao ultimo, e ainda hoje o estão a trahir.

Sacrificado Paiva Couceiro, os senhores repetiram a sua periodica correria votiva para os deuzes.

Os deuzes, que já os teem marcados, resistiram, e estiveram a pontos de deixar de lhes fornecer Messias, como as agencias de serviços acabam

por não inculcar cozinheiras ás patroas que não conservam o pessoal.

Mas os senhores rogaram, rezaram, prantearam:

—Um homem! não ha um homem! o que se queria era um homem!

Sorriram os deuses magnanimos e condescendentes, e lá lhes deram o sr. João d'Azevedo Coutinho.

Não sei se o sr. João d'Azevedo Coutinho, que hoje tem a bem ganha lenda da sua excepcionalissima bravura, terá um dia a coragem de aceitar a vacatura de Messias.

Se a tiver, os senhores sacrificall-o-hão, como sacrificaram os outros, como se em qualquer dos senhores viesse a descobrir-se um Messias, passaria immediatamente a ser sacrificado, apedrejado, trahido.

Porquê? Porque os senhores emprestam á simples apparição do Messias a realisação de todos os seus votos, e aos successivos Messias vão emprestando todas as qualidades de semi-deus.

Quando em vez de deuses verificam que são creaturas com as necessarias imperfeições dos seres mortaes, e quando se prova mais uma vez que o esforço de um não pôde realisar a obra de uma collectividade, os senhores não se lembram mais da qualidade que o apontou e acclamou Messias, como não confessam que entregaram a uma luz a tarefa de illuminar uma collina.

Então, ai do Messias! Elle que foi para o throno a cavallo n'um povo inteiro, é tirado de lá de rastros.

Passaram tres annos n'isto e não se adeantou um dia.

Os republicanos sabem-o, todos os dias o observam e comprovam.

E ahí vem outra consequencia da falta de doutrina: os senhores são a série infinita dos numeros primos e não se impõem á unidade.

Porquê? Porque a unidade, essa minoria republicana, jôga justamente com a desorientação e desaggregação monarchica.

Os senhores nem dão por isso.

Tem lido nos jornaes esse mirabolante projecto de uma fusão do partido evolucionista e unionista, não tem? E os senhores andam muito entretidos a suppôr que é uma novidade, um facto d'agora, um acontecimento imprevisito, *uma coisa que aconteceu e que vem nas folhas.*

Pois, meus senhores! isso é uma premeditação que estava preparadinha ha bons cinco mezes. Em setembro findo alguem, lá d'elles, declarou em Paris:

—«Sou eu que estou tratando do assumpto, e você ha-de vê-lo muito brevemente vir a publico. Precisamos dos monarchicos que é quem tem a pratica de governar».

Essa fusão é uma premeditação velhaca do sr. Brito Camacho que conta:

1.º com a falta de doutrina que ha na multidão monarchica e que a põe á mercê da menor aragem dos acontecimentos;

2.º com a inferioridade do chefe do partido evolucionista e o mêdo do sr. dr. Antonio José d'Almeida ao sr. Affonso Costa;

3.º com a villania de alguns *monarchicos* impacientes e aguados *monarchicos*.

Esse abominavel espectáculo tem sido demorado pela indecisão d'esses *taes monarchicos* que liam, na *Lucta*, que se tramavam movimentos restauradores, e elles sempre queriam ver o que *aquillo* dava.

Entretanto, a machinêta da fusão ia andando. E cada qual tratava de offerecer os seus prestimos na republica aos monarchicos que quizessem aceitar *uma ponte de passagem*. Em setembro, mandaram cá fóra um

corrector do desarmamento monarchico e que não é o annunciador da fusão, a que já me referi. O corrector foi parando em todos os pontos por onde havia emigrados monarchicos, desde as provincias francezas até á douta Salamanca. Muito sabedora, Salamanca até sabe a resposta dignissima e ironica com que um authentico monarchico, que o paiz internecidamente respeita, correu o impudico corrector.

Trabalhada de longe, essa fusão de duas patrulhas c'refiadas por dois cabos de esquadra, é a derradeira taboa de salvação dos dois perdidos caudilhos republicanos que confessam só poderem salvar-se e salvar a Republica com a enxertia monarchica.

Esses antigos *monarchicos*, por vontade d'elles, já lá estavam; mas sósinhos, os amos republicanos não os tomam. Os monarchicos authenticos teimam em não aceitar *pontes* nem estradas, e os outros idearam, então, leval-os de baração ao pesçoço.

Vem, então, a *chantage* da amnistia.

Para que fallam esses homens em amnistia? O que são esses rumores de amnistia que alvoroçam os peitos ingenuos e sagrados das mães?

São o preço pelo qual esses homens suppõem poder comprar o silencio dos amnistiados, quando souberem e verificarem a extensão da vilania dos negociadores.

Não é a elevada comprehensão da pacificação de uma patria, nem commoção pela sorte dos que estão agonizando nas casas-matas e nos segrêdos, ou um rebate de respeito pelos que padecem a amargura dos exilios.

Nada d'isso: a amnistia dada por essa gente seria a mordança na bocca dos que voltassem.

Se para alguma coisa lhes servir, aqui lhes fica, pela parte que me toca, o meu aviso:

— Venha a amnistia! eu acceito-a

com todo o meu desprezo pelos que a assignarem e pelos que estão, entre nós e os republicanos, tentando negocia-la; acceito-a com o mesmo desprezo que acceitei a minha condemnação a vinte annos; acceito-a como nova arma de lucta; acceito-a para ir ahí dentro combater a Republica e combater e pedir contas aos que desde o dia 5 de Outubro não teem feito outra coisa senão offerecer á Republica os seus prestimos de laçaos desempregados.

Feito o aviso, continuaremos o nosso exame.

Seria possível essa tentativa se os republicanos e esses *monarchicos*, que não são todos mas que são mais do que o paiz pode suppór e tanto que os senhores teriam muita surpresa, se essa machinação, aliás inutil, fosse levada a cabo; seria possível essa tentativa se essa gente soubesse o campo monarchico defendido por uma doutrina?

Com essa ausencia de uma doutrina monarchica se explica quasi tudo, se não tudo, do que tem succedido e está para succeder.

Vou n'esta entrevista, facultar-lhe uma doutrina monarchica.

Estudem-a, discutam-a, adoptem-a tal qual está ou depois de a adaptarem, abracem-a ou recusem-a, mas se essa lhes não agradar, elaborem outra.

Quando estiverem de posse de uma doutrina monarchica, nem lá de dentro nem cá de fóra, me farão mais esta serie de perguntas que andam insistentemente, constantemente na baila:

— Porque fracassou a 1.<sup>a</sup> incursão?

— Porque não entrou Paiva Couceiro em Chaves?

— O que diz você ao Homero?

— Porque é que as altas patentes do exercito, o *peixe graúdo* é prêso e logo solto d'ahi a dias, e os capitães, os tenentes, os pequenos são chamados a perguntas e ficam prêsos definitivamente?

# ENTREVISTA

COM O

## P.<sup>e</sup> Amadeu de Vasconcellos (Mariotte)

### I

#### A consciente conversão d'um republicano historico ao principio monarchico

Como a doutrina monarchica propagandada por Charles Maurras converte um republicano historico portuguez — Espirito scientifico, sem se deixar invadir por nenhuma especie de sentimentalismo, com uma vasta cultura que o põe ao abrigo de ser deslumbrado por qualquer orador ou publicista, Mariotte reconhece o erro republicano e democratico, e adopta e propaga a doutrina monarchica.

Não traçamos aqui o retrato de Mariotte.

O publico conhece-o das suas vulgarisações scientificas, como um dos espiritos mais cultos das novas gerações, conhece-o da imprensa, conhece-o do opusculo, conhece-o do livro.

O Porto conhece-o mesmo pessoalmente.

Está ha cinco annos em Paris, mettido na Sorbonne, nos laboratorios e nas bibliothecas. Cinco annos, por cima de um homem, teem a sua influencia, podendo mesmo transform-lo Cinco annos de trabalho n'uma

media de dez horas de estudo diario, não se limitam a pôr um homem mudado no seu aspecto externo: fazem d'elle um outro homem.

O Padre Mariotte de hoje não é o Padre Mariotte de ha cinco annos.

No seu modesto viver de beneditino do Saber, no seu tenaz horario de trabalhador intellectual, no seu vestuario sobrio e escuro, Mariotte é o mesmo.

O seu espirito, porém, avançou.

E d'aquelle sincero partidario do rançoso e condemnado democratismo e republicanismo, saiu o consciente e sincero propagandista da doutrina

monarchica a que os primeiros e mais cultos espiritos das lettras e das sciencias francezas, europeas, universaes abraçam.

Dispensamo-nos de descrever essa evolução progressiva d'um espirito, visto como elle mesmo a narra, historia e fundamenta n'esta entrevista.

**Uma creança de nove annos envenenada por generos philosophicos avariados.**

N'uma voz lenta, de analysta que exprimindo os phenomenos d'uma reacção chimica, á medida que a acompanha na retorta, o Padre Mariotte começa assim a historia da sua vida mental:

— Comecei a lêr muito cedo. Tinha nove annos já lia jornaes. Ancia de saber, de nutrir o espirito, e sem pôssem para adquirir livros, pois que sou filho de um professor de instrucção primaria, nutria-me da leitura que encontrava pelo preço que eu podia pagar. Ora essa leitura era o jornal. Que especie de cultura podia eu encontrar n'aquella terra, n'um jornal? que especie de alimento podia offerecer-me esses vulgarisadores de dez reis? Mas d'essa, eu escolhia a a que me diziam ser melhor. Lia a « Republica », diario portuense, que depois passou a ser a « Voz Publica », onde escreviam homens que me enculcavam como sabios.

Aquí, Mariotte tem um accesso de indignação, a revolta sincera do homem que se lembra de que pediu aos velhos que guiassem os seus passos de creança, e verifica haverem-o engalado os guias:

— Por isso não perdôo a esses homens que tinham em Portugal uma fama e um nome de pensadores, de philosophos, de historiadores, de sa-

bios, que assim me envenenassem o espirito. Ah! não ha maior crime do que envenenar uma intelligencia! Comparado com isto, o adulterador de generos alimenticios, o homem que diz vender um copo de leite a um debilitado e lhe vende um copo de veneno, não é mais criminoso! Creeime, desenvolvi-me, e o meu cerebro continuou a ingerir mézinhas, garrafadas de mixordia, suppondo que estava a nutrir-se do alvo pão do espirito. Fiz o meu curso no Seminario do Porto, ordenei-me, era já um apaixonado da Sciencia, mas em politica aquella deformação das primeiras épocas da vida imprimia-me o geito do erro. Pensava bem em Sciencia, via claro; em politica era um cêgo. E como o meu espirito é muito logico, e uma vez acceteu um principio pela minha razão, a logica e a sinceridade me levam de raciocinio em raciocinio ás ultimas consequencias do principio accete, eu, envenenado pelo pensamento democratico, fui aos extremos da democracia, chegando... *(E o Padre Mariotte, com uma especie de pudor mental, velou a voz, como uma alma horrorizada do máu caminho traçado pôde velar o rosto, ao confessar o seu roteiro)* chegando a ir aos tabladados dos comicios. Não conhêço serenidades nem perdão para os altos responsaveis do papel que levaram a minha intelligencia a representar!

**O collaborador da « Palavra » e o collaborador da « Voz Publica ».**

— Nem dava, já se vê, pela minha enfermidade intellectual! — *continua com amarga tristeza o Padre Mariotte.* — Para mim, a politica era, foi e continua sendo um incidente na minha vida pessoal e intellectual. A minha preocupação era a Sciencia. Collabo-

rava então, na *Palavra*, ainda no tempo do velho Fonseca. Uma questão scientifica, que ao depois vim a saber ter sido urdida pelo proprietario Francisco Cortez que queria avivar o jornal com uma polemica dentro das proprias columnas da gazeta, fez-me deixar a *Palavra*. Um dia ia eu a sair do *Collegio de Santa Maria*, fui convidado pelo Padua Corrêa, em nome do sr. Lopes Teixeira, para escrever chronicas scientificas na *Voz Publica*, que ia refundir-se, engrandecer-se, e povoar-se de bons collaboradores. Bazilio Telles ia escrever lá, o Dr. Duarte Leite ficava com as chronicas financeiras, o sr. José Pereira de Sampaio, Bruno com a sua conhecida collaboração, e queriam-me a mim para chronista scientifico. Aceitei, e, com quanto eu nunca escrevesse designadamente uma secção politica, sempre que podia mettia a minha colherada, qualquer allusão redigida sob o criterio republicano.

**Em Paris — Ainda dois annos republicano. — A Proclamação da Republica Portugueza—O carbonario Luz d'Almeida exilado em Paris.**

—Ahi por 1908, vim para Paris. Queria fazer-me geographo, trabalhar, o amor da Sciencia chamavame a França. Vim republicano e tanto que ainda trazia a collaboração da *Voz Publica*. Continuava a ser um simples chronista scientifico, mas ao escrever sobre sciencia, de quando em quando, lá transparecia a sombra do barrête phrygió. Mas mettido para o meu canto não sabia de nada, apesar de aqui ter convivido com alguns elementos de acção, como Luz d'Almeida, por exemplo.

—O chefe da carbonaria?

—O proprio. Elle tinha emigrado

por causa d'aquelle crime de Cascaes, e foi-me apresentado pelo dr. Brêda. Acompanhei-o. E' um homem reservadissimo, e só assim se comprehende que tenha feito o que tem feito; mas a desgraça e o isolamento tornam o animal social que é o homem escravo do instincto da vida de relação: a desgraça e o exilio tornaram Luz d'Almeida o mais loquaz que um temperamento reservado pôde ser. Contou-me muita coisa, mas eu não suspeitava nem que a proclamação da republica estivesse para tão breve, nem que eu estivesse a conversar com um homem que tão grande acção havia de vir a ter no advento do regimen republicano. Era d'uma intelligencia rudimentar, e d'uma ignorancia crassa: como podia eu supôr que viesse a ser esteio d'um regimen um homem assim? Mas isto vem a proposito?...

—De ter chegado republicano a Paris.

—Ah!... Collaborava n'um diario republicano, e do grupo d'aquelles collaboradores era dos poucos que continuavam. Bazilio Telles, um dia, não sei porquê, deixou de escrever; o dr. Duarte Leite tambem cessou com a chronica financeira. Eu continuava as minhas chronicas scientificas, o meu cerebro continuava republicano, e os republicanos que passavam por Paris continuavam a procurar-me, n'uma convivencia de correligionarios com um homem que não era um elemento activo da politica, mas que tinha sinceramente acreditado n'essa politica. Quando, estando n'um arredor de Paris, — vivia eu então com o esculptor José Ferreira —, uma manhã abro os jornaes e dou com a noticia da proclamação da Republica em Portugal. Surprehender não me surprehendeu porque eu via que ao caminho que as coisas levavam, a Republica havia de vir, mas não a espe-

rava n'aquelle dia, como a não esperava na vespera ou no dia seguinte. Não a esperava, não sabia de nada é o que eu quero dizer.

**Nunca perdi a fé — A fé tenho-a intacta! exclama o Padre Mariotte — O movimento religioso-social de Marc-Sangnier.**

— E contava que fosse aquella, a marcha do novo regimen?

— Logo aos primeiros actos da Republica, vi que os homens não iam bem. Francezes, republicanos, com quem eu falava, manifestavam-me o seu descontentamento, e o seu desapatamento. Mas enfim — diziam elles, e dizia eu —, é um periodo revolucionario, póde ser que isto passe e que a Republica ainda endireite. E mantinha-me republicano. Ora a esse tempo, já eu seguia a propaganda de Marc-Sangnier. Atravez essa horrenda confusão republicana, eu tive uma felicidade: nunca perdi a fé! A fé, em mim, está intacta! O Marc-Sangnier lançára o movimento religioso-social em França, com uma intensa propaganda, que eu já seguia desde a *Palavra*. Marc-Sangnier é um antigo official de engenharia, e licenciado em Direito, republicano, mas profundamente catholico, que tentava a renovação social dentro da republica. Estava com a minha orientação de então, acompanhei com interesse o Marc-Sangnier, na propaganda fallada e escripta. O Sangnier é um orador de suggestão, que arrasta. Graças á sua quente palavra de apostolo, e á revista *Le Sillon*, essa propaganda foi das mais subitamente alastradoras que se tem visto em França. Eu ouvia-lhe as conferencias e lêra-lhe *Le Sillon*, revista em que elle lançára as suas idéas e que deu o titulo ao

movimento. N'um dado momento, Marc-Sangnier dispunha da revista *Le Sillon*, e d'um jornal *L'Eveil Démocratique*; *L'Eveil* desaparece, dando origem á *Démocratie*. No *Sillon* fazia propaganda religioso-social. Marc-Sangnier era democrata christão; no *Eveil* fazia apenas politica republicana. O movimento do *Sillon* estendeu-se em breve n'uma vasta ramificação de ligas que a todos os cantos da França, chegaram a contar milhares de filiados. Mas a doutrina de Marc-Sangnier não tardou a ser notada pelos Bispos que o apontaram a Roma, e Pio x condemnou *Le Sillon*.

**Um exemplo de ordem e de disciplina d'um bom catholico.**

— Porque?

— Porque Marc-Sangnier, sem dar por isso, nem esse ser o seu intento, cahia n'uma especie de religiosismo libertario, expandindo uma doutrina religiosa contraria ao espirito catholico puro. Pio x dirigiu aos catholicos francezes a celebre Encyclica condemnatoria do *Sillon*, ordenando a immediata dissolução dos centros, permitindo, se os crentes assim o desejassem, continuarem filiados, mas sob a obediencia e direcção religiosa dos Bispos. Foi um acontecimento retumbante. Marc-Sangnier só teve conhecimento de Encyclica, depois d'ella publicada na *La Croix*. Até se queixou d'isso. N'esse mesmo dia toda a imprensa de Paris se referia e commentava a Encyclica, e toda a gente correu á *Démocratie* para ver o que Sangnier dizia. Nem uma palavra. Não lhe fôra dada communicação da Encyclica, só a lêra a horas a que já não podera referir-se-lhe; mas no dia seguinte, Marc-Sangnier, na *Démocratie* dizia da sua justiça.

— Como?

— Comunicando que acatava a Encyclica de Pio X, que já dera ordem ás ligas de todos os departamentos da França para se dissolver o *Sillon*, emfim, que o *Sillon* já não existia. E foi ter com Monsenhor Amette, que então ainda não era cardeal, era simples Bispo de Paris, consultal-o sobre se Roma lhe permitia continuar a propaganda politica na *Démocratie*. Mgr. Amette telegraphou para o Vaticano e Sua Santidade respondeu que tomara a Igreja que houvesse muita imprensa redigida por bons catholicos. Lembro-me bem que um jacobino portuguez, antes de se saber qual seria a attitude de Marc-Sangnier, perante a Encyclica papal, me dizia: «*Se o Sangnier não fizesse caso da Encyclica, e andasse para deante com o Sillon, é que era bello!*» Vinte e quatro horas depois, Sangnier declara acatar a Encyclica e o jacobino descompunha o Sangnier nas conversas do café. A mim, aquella submissão d'um catholico á direcção suprema do Pontifice, submissão nobremente acompanhada pela declaração de que elle, Marc-Sangnier, não se considerava senhor da verdade catholica e que só Sua Santidade podia saber se as doutrinas que elle estava espalhando eram ou não boas e puras, essa corajosa affirmacão de disciplina que custava áquelle homem, em 24 horas, o desabamento de alguns annos de uma propaganda triumphante, tudo isso me enthusiasinou. A minha disciplina mental e moral, que sempre em mim existiu, graças á minha fé religiosa e á minha subordinação á crença, esse acto de disciplina satisfiz plenamente. E dissolvido o *Sillon*, eu continuei a acompanhar Marc-Sangnier no seu jornal *La Démocratie*.

Uma carta que vae parar a outras mãos — A primeira visita do Padre Mariotte a S. Ex.<sup>a</sup> o Senhor D. Antonio Barroso, depois do venerando Bispo ter sido expulso da sua Diocese pela Republica.

N'um gesto habitual, o Padre Mariotte assegura a fixidez da luneta e prosegue:

— Entretanto a Republica Portuguesa não satisfazia ao que eu entendia que devia ser a Republica: as leis de instrucção, a lei de separação, todos os destemperos do novo regimen me revoltavam. Quando o Meu Prelado, o Senhor D. Antonio Barroso, foi preso, vexado e expulso da Diocese, eu tive uma onda de revolta. Escrevi a alguém para Portugal criticando essa perseguição. Ora eu não fôra feliz no Porto. A Mitra enganára-se connigo, julgára-me mau catholico, ou talvez me julgasse apenas mal por eu ser republicano. Não sei. O que sei é que soffri no Porto uma guerra de antypathias, não do Prelado, mas dos aulicos. Isso já lá vae, hoje todos são meus amigos, e reconhecem que se enganaram a meu respeito, mal julgando-me. Mas n'esse tempo fizeram-me soffrer. Eu tinha a consciencia tão tranquilla que mais de uma vez sollicitei audiencia ao Prelado, para lhe rogar que, se alguma accusação havia contra mim, m'a fizesse saber para eu me defender, que eu só queria conhecer do que me accusavam. O bondoso Prelado respondia-me: «*Eu não o accuso de nada, Mariotte! Não ha nada, se houvesse eu dizia-lh'o.*» Quando vim para Paris, . . . se fosse hoje não deixaria que em mim entrasse tal idéa, vim com a tenção de me fazer geographo, e de estudar, de me valorisar, para um dia voltar a Portugal, e provar

que era um bom catholico, uma fé pura, intacta que nada, nem a Sciencia, nem a França, tinham abalado, ao contrario que a Sciencia fortalecia cada vez mais. Veio, então, a perseguição ao Prelado. Indignei-me, e escrevi uma carta em que deixava jorrar á vontade a minha indignação, e que terminava pouco mais ou menos assim: *Desejava escrever ao Prelado, mas receio que não julgue sincero o meu acto; e por isso o não faço.* A pessoa a quem era dirigida a carta, mostrou-a a um amigo, muito chegado, que pediu lh'a confiasse por umas horas: ia n'essa mesma tarde visitar o Prelado, e desejava levar-lhe essa consolação. A pessoa a quem eu escrevêra ainda recusou, receando que eu viesse a saber-o e me zangasse. Eu só soube isto mezes depois. Insistiu, porém, tanto o outro amigo que o dono da carta lh'a emprestou.

Mezes depois fui a Portugal, e soube que o Senhor D. Antonio lêra a minha carta, cujos termos não eram destinados a ir á sua presença, e dissera commovido: *«Eu nunca me enganei com o Mariotte!»* Quando saiu a primeira das minhas *Cartas a um livre pensador*, remetti, então, um exemplar ao Prelado, acompanhado d'uma carta em que lhe dizia: que havia muito desejava cumprimental-o mas que estivera á espera do primeiro acto publico que affirmasse a minha sinceridade, que esse acto se acabava de produzir e que eu lhe escrevia então. Respondeu-me com uma carta muito enternecida, e eu, quando voltei a Portugal fui visital-o. O Senhor D. Antonio Barroso recebeu-me de braços abertos e a chorar...

A evocação d'esse commovente e consolador momento d'um Pae espirital abraçando a lealdade filial do humilde pastor que o visita na grandeza da Desgraça, interronpeu um momento esta entrevista. Foi o tempo

do pensamento e do coração voar áquella humilissima casinha de lavrador, do concelho de Barcellos, que é hoje o Paço Episcopal onde a alma do glorioso missionario portuguez, vivendo não como um principe da Egreja, mas como um padre serrano das esmolos dos parochianos, tem a magestade das grandes figuras da Igreja, nas horas mais puras da doutrina.

**Mariotte vive seis mezes nos «Lares Cooperativistas» — As polémicas da «Démocratie» com os monarchicos da «Action Française» — As primeiras duvidas da doutrina democratica entram no espirito de Mariotte.**

Consolada a alma de se ter punhado, Mariotte prosegue:

— Continuemos a historia da minha evolução. A marcha da republica portugueza desgostava-me, e eu dizia-o abertamente aos republicanos portuguezes que encontrava no *Source*, um café do Bairro Latino, frequentado por mim e outros compatriotas. Elles, fanaticos e sectarios, extranhavam-m'o: *«Então você é republicano e censura a Republica?!»* Não comprehendiam que eu conservasse a minha independencia moral e a minha nitidez de consciencia atravez as idéas republicanas. Effectivamente, é difficil. Mas eu conservei uma e outra. Tinhamos discussões acaloradissimas. Eu, porém, embora condemnasse os erros da gente republicana portugueza, não deixava de me dizer e de ser republicano. Elles, não podendo duvidar da minha sinceridade e da minha seriedade, tentavam calar-me a bocca com esta repetida objurgatoria: *«Você de politica não sabe nada! Trate lá da Sciencia»*

cia e deixa a politica que você d'isto não percebe nada. Você em politica é um desorientado». Então, eu, que já ficára leitor do Marc-Sangnier, da sua phase religioso-social do *Sillon*, resolvi estudar a politica republicana, e acompanhar de perto a propaganda politica da *Démocratie*. Os discipulo's do Sangnier haviam fundado uma instituição chamada *Le Foyer Cooperatif*, para o que adquiriram um grande predio na *rue de Varennes*. O *Foyer Cooperatif* era uma pensão, a preço accessivel para estudantes, francezes ou estrangeiros, que desejassem estar fóra dos contactos dos hoteis, e installar-se n'um ambiente catholico. Fui hospedar-me lá. Havia padres, estudantes de todas as carreiras. Depois do jantar, n'um restaurante commum, tambem pertencente á instituição, juntavam-se n'uma grande sala de leitura, e ali uns liam, outros conversavam e discutiam até ás dez horas. Todos os mezes havia um grande jantar, especie de banquete de propaganda, onde ia o Marc-Sangnier, com quem no fim se conversava. Como eu encontrava no jornal de Marc-Sangnier referencias e respostas aos homens e ás doutrinas da *Action Française*, comecei a comprar e a lér a *Action Française* todos os dias, para poder seguir a discussão. Não tardei a vêr que os argumentos da *Action Française*, órgão da doutrina monarchica, eram muito mais fortes do que os argumentos da *Démocratie*, ao defender os principios republicanos. Entrou assim commigo a primeira duvida sobre a solidez da doutrina democratica. Mas o meu espirito é inacessivel a impulsos de entusiasmo: só a logica me vence, só a razão mexe os meus braços. Já duvidava dos principios democraticos, já estava em mim abalada a crença na idéa republicana, mas nem me julgava nem me dizia monarchi-

co, e de facto ainda o não era. Assim como lia o Marc-Sangnier, e a *Action Française*, quiz ouvir os oradores da democracia e os oradores da monarchia. Fui a reuniões contradictorias, e, então, ahí é que eu vi bem que os argumentos dos que estavam de posse da doutrina monarchica eram de muito mais pèzo do que os que Marc-Sangnier e os democratras tinham para responder aos monarchicos. Crescia em mim a duvida. Era já uma crise de soffrimento intellectual que pedia resolução. Precisava aquietar a minha intelligencia, pacificar o meu espirito, assentando n'uma doutrina politicamente e conscientemente estudada. Já não me sentia bem hospedado no *Foyer Cooperatif*. Saí. Decidi-me a estudar a doutrina da *Action Française*.

**Mariotte repelle a doutrina republicana e abraça a doutrina monarchica.**

— Começando está claro pela *Enquête*...

— Pela *Enquête sur la monarchie*, do Charles Maurras. Li a bibliographia da doutrina, e á minha razão a doutrina monarchica, que eu pela primeira vez conhecia, pareceu muito mais logica, ou melhor, a doutrina monarchica é que me pareceu logica. Reconheci, então, o êrro em que durante tanto tempo vivêra o meu pensamento, tive horror aos homens que me envenenaram a intelligencia, repudiei com asco a idéa democratica — estava monarchico. Estava monarchico atravez muito estudo, muita reflexão, muita critica, muita leitura, leitura que, a todos os argumentos que eu fazia, me respondia sempre triumphalmente. Uma noite entrei no *Source*. Dois portuguezes discutiam. Vendo-me, um d'elles disse: « O Mariotte, que é republicano é que vae de-

*cidir quem tem razão*»—E eu respondi: «*Você está enganado! Eu já não sou republicano*». Os homens ficaram atordoados, ainda quizeram que eu dissesse que estava a gracejar: «*Você está a brincar, você não deixou de ser republicano!*» Mas eu confirmei as minhas palavras:—«*Deixei de ser republicano, já lhe disse. Eu hoje sou monarchico*». E d'ahi em diante, — ha 2 annos —, intitulo-me monarchico e faço propaganda monarchica, torno o mais conhecido que posso a doutrina monarchica que me salvou o espirito e que póde tambem salvar o paiz.

— Quer expôr agora o resumo da doutrina?

— Com todo o gosto, mas não lhe será possivel publicar n'um só numero tudo quanto tenho a dizer-lhe por mais que eu queira resumir.

— Não importa! dedicarei á sua entrevista mais do que um numero, o espaço que fôr preciso.

— Mas não me disse que era seu programma e seu intuito dar em cada numero da sua publicação uma entrevista differente?

— Assim é. Mas com esta sua entrevista dá-se um caso muito excepcional. Trata-se de expôr idéas, um corpo de doutrinas, novo para a quasi unanimidade do povo portuguez, é um assumpto capital para um paiz que está sedento de idéas.

— Em dois numeros poderá publicar a breve exposição da doutrina monarchica.

E começou a segunda parte da entrevista que daremos a publico no proximo numero, acompanhando-o, muito propriamente, com o retrato de Charles Maurras, o illustre e gigantesco propagandista monarchico que converteu Mariotte. Essa segunda parte da entrevista Mariotte é importantissima para os portuguezes, e embora seja a exposição d'uma doutrina aprendida em França, o entrevistado, que é portuguez a todo o momento a exemplifica com acontecimentos historicos portuguezes, contemporaneos e actuaes.

E' uma entrevista com um portuguez, versando o sagrado assumpto nacional, com a fé de que a doutrina constructiva que se offerece á mentalidade portugueza fará, cêdo ou tarde, a felicidade de Portugal.

Não é uma entrevista personalista, para se fazer destacar o sr. Mariotte, que tem já o seu destaque, mas um caminho que o Povo portuguez estudará, decidindo se sim ou não o deve seguir, para se defender das traições e das infamias que o assaltam, a toda a hora, das embuscadas que a ambição lhe arma, para acabar d'uma vez para sempre com esta anarchia geral, e tornar impossivel que a velhacaria do sr. Brito Camacho, a estupidez poltranêsca do sr. Antonio José d'Almeida, de gôrra com a villania d'alguns monarchicos andem a negociar a *chantage* d'uma republica conservadora, jogando com a amnistia.

